

BELAS-ARTES: A DEGRADAÇÃO

FERNANDO LINO

A Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (ESBAL), instalada no velho convento de S. Francisco, está votada ao abandono e à degradação. O seu estatuto começa por ser sui-generis, pois a ESBAL, onde são leccionados cursos superiores de pintura, escultura e design, não está enquadrada por qualquer Universidade, ao contrário do que sucede com Arquitectura, que, embora funcionando no mesmo edifício se integrou na Universidade Técnica. Desta modo, os 900 alunos de Belas-Artes só podem aspirar à equiparação aos graus de bacharelato e licenciatura.

Os aprendizes das artes não tem poucas razões de queixa: a sua cantina não funciona há três anos; o quadro eléctrico, que é do tempo do Libório, não tem capacidade para suprir as necessidades da escola, levando a que a falta de energia seja uma constante. Desenhar modelos à luz da vela cabou por ser um recurso, não na busca de uma nova luminosidade que escapou aos impressionistas, mas simplesmente porque a luz falha constantemente. Depois de vários estudos técnicos, a que a Associação de Estudantes se queixa de não ter acesso, o Conselho Directivo chegou à conclusão de que serão precisos cinco mil contos para uma nova instalação eléctrica — segundo contou ao «T&Q» o seu presidente, professor Conceição Ferreira. Mantém-se, entretanto, situações do tipo «Se eu ligo o aquecedor tens de desligar o berbequim...»

O equipamento escolar também não prima pelo vanguardismo: em conversa com alunos, o «T&Q» apurou que a tecnologia de tapeçaria

funciona com equipamentos de nível de ensino secundário; vitral não se faz, sequer, por falta de meios; a fotografia ainda não chegou à era do colorido; em audio-visuais, o equipamento é obsoleto; em gravura, a única prensa remonta ao século passado; na tecnologia de madeiras, as máquinas andam a meio gás; os alunos da tecnologia da pedra são obrigados a comprar eles mesmos o material de trabalho, maquinaria bastante cara; na cadeira de modelos os problemas não se resumem à falta de luz; o professor Soares Branco, para além de ser obrigado a dar aulas numa sala exigua (trinta cavaleiros para mais de cem alunos inscritos), onde a humidade escorre pelas paredes, já despendeu este ano lectivo cerca de trinta contos do seu bolso (que, foi-lhe dito, não vai receber de volta), para pagar aos modelos que dão nome à cadeira.

No sector humano, o panorama também não é bom: do primeiro ao quinto ano há cadeiras que não funcionam e outras que andam a meia-haste, por falta de professores; faltam técnicos especializados e assistentes das várias tecnologias; até o pessoal de limpeza é escasso! Por toda a escola reina a degradação: vêem-se vidros partidos, pelos cantos estão peças de gesso, única no País, no valor de centenas de contos, em total abandono.

A trilogia da indiferença «professores-alunos-Ministério da Educação», que deixou este estado de coisas arrastar-se por tanto tempo, está agora a ser vigorosamente abalada: os alunos, com o apoio de alguns professores, decidiram que a situação tem que mudar. E marcaram uma paralisação para os dias dez, onze e doze de Fevereiro: «Exigimos a nossa dignificação, exigimos que o Ministério mude de atitude para com a ESBAL» — dizem. Mais:

«A vanguarda das belas artes do País sai daqui, quer queiram quer não. Mas não há a mínima interligação escola-externo que facilite aos alunos a inserção noutras áreas profissionais que não o ensino. E depois queixam-se de que Vieira da Silva se naturalizou francesa...»

A gota de água que provocou esta movimentação foi a cadeira de Geometria, «de que aos artistas são exigidos dois anos, enquanto aos rigorosos arquitectos se pede apenas um» — declarou um estudante, frisando que «nesta cadeira, desenhada do curso, a percentagem de passagens se resume a sete por cento». Mas o rol de queixas não tem fim: «a cadeira de História da Arte Portuguesa é dada pelos livrinhos da RTP e da Verbo»; «em Anatomia, o importante seria o conhecimento prático das coisas e não a forma teórica como o professor, licenciado em medicina, dá o nome dos ossos»; um velho aluno, que lá anda desde 1972 refere, em jeito de explicação que «a ESBAL foi a única escola superior que, depois do 25 de Abril, não saneou ninguém».

No ar paira o receio de que o Ministério da Educação se sirva do estado de degradação da escola para não efectuar melhorias e até para baixar a ESBAL ao nível dos Politécnicos. No Conselho Directivo, um informador disse ao «T&Q» que existe uma Comissão da Escola a estudar a questão com o Ministério. «É importante a existência, ao nível médio, de uma área de Belas-Artes, mas a ESBAL, pelo seu nível de ensino, deve de todo o direito enquadrar-se numa Universidade de Lisboa» — acrescentou.

Entretanto, nas caves fazem-se as primeiras obras desde há trinta anos. Só é pena que tenham de decorrer em tempo de aulas, paralisando o funcionamento de várias cadeiras ■

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Ensino Artístico - escola sup. Belas Artes